

Cultivo do algodão no nordeste

Alzira Magalhães Casemiro

O algodão é uma planta da família das malváceas, do gênero *Gossypium*, que possui numerosas espécies, espontâneas ou cultivadas, nativas das Américas, Europa e Ásia. Na América, por exemplo, os astecas, séculos antes da vinda dos primeiros europeus, já cultivavam, fiavam e teciam as fibras do algodão das espécies *sambra*, *hirsutum* e *vitifolium*.

Quando os europeus desembarcaram no Novo Mundo, aqui encontraram a árvore do algodão. Apesar de os silvícolas brasileiros estarem em estágio de cultura bastante inferior ao dos incas e astecas, os portugueses verificaram que eles utilizavam as fibras do algodão para diversos fins, não só para consumo como também para comércio.

No século XVIII o algodão viveu um dos períodos de grande intensidade, para ceder lugar depois a uma baixa, a um arrefecimento, à miséria, tornando-se o Nordeste uma região-problema, reconhecida como tal em Lisboa.

Diante do problema de desemprego existente no Nordeste, a so-

lução proposta foi a de induzir a população ociosa a cultivar o algodão. Houve tentativas de reanimar a indústria do açúcar e de diversificar a agricultura da região, tentativas que resultaram em razoável sucesso com o cultivo do algodão.

Durante o período colonial, apesar das possibilidades de se tornar uma das riquezas do País, e apesar de atuar como fator de ação dinamizadora e elemento fixador da população do sertão, que vivia da criação de gado, o algodão não logrou lugar de destaque. Podemos apontar como uma das causas fundamentais desse insucesso o atraso agrícola que se prolongou até meados do século XIX.

No Brasil cultiva-se principalmente o *Gossypium hirsutum*, da variedade *hirsutum*, que é o algodão herbáceo. Além desse, é cultivado também o *Gossypium arboreo barbadanensis*, conhecido como algodão-mocó.

O algodoeiro herbáceo é cultivado em zonas semi-úmidas. Seu ciclo vital é limitado a um ano, sendo mais baixo o seu rendimento e suas fibras mais curtas. O arbóreo,



BRUNO LEVI 87

próprio dos lugares secos, cresce e produz, ininterruptamente, durante cinco anos.

O algodão pode ser cultivado no Brasil praticamente em todas as regiões não sujeitas à geada. Deve-se, entretanto, notar que na região nordestina esta planta encontra o seu *habitat* ideal. Esta região é a única que possibilita o cultivo do algodão arbóreo, como o famoso mocó ou seridó, cuja fibra é excepcionalmente longa, forte e sedosa. A linhagem mocó-paraíba se presta ao fabrico dos melhores tecidos.

Sendo uma cultura característica das caatingas, prolifera na chamada zona semi-árida. A sua grande área de ocorrência é a do sertão do Ceará, do Rio Grande do Norte, da Paraíba e de Pernambuco, onde a pluviosidade é pequena e o clima quente. O problema da falta de água é suprido nas grandes plantações através de vários processos de irrigação. O algodão, que se concentra na zona sertaneja do Salgado e do alto Jaguaribe, é o principal produto agrícola cearense. No estado cultivavam-se dois tipos de algodão, o de fibra longa, mocó ou seridó, e o de fibra curta. As maiores plantações pertencem à primeira espécie em virtude de sua melhor aceitação pela indústria têxtil.

A origem do algodão mocó permanece obscura. Para uns, trata-se de uma variedade do algodoeiro egípcio *mako* ou do norte-americano *sea island*, cultivado no Rio Grande do Norte, no século passado. Outros acham que é uma variedade *do marie-galante*, também arbóreo, existente nas Antilhas Francesas e trazido para o Brasil por escravos da tribo moko. Os botânicos, porém, explicam esse tipo de algodoeiro como o resultado de uma série de cruzamentos realizados ao acaso nas culturas da região.

O algodoeiro é uma planta sensível, necessitando de solos férteis

e da prática da cultura rotativa. Está sujeito a pragas danosas como a broca da raiz, o curuquerê e a lagarta-rosada, a mais comum, que prejudica, por vezes, plantações inteiras. A altura da planta vai de 1 a 2 metros. Na época da florada o algodão torna-se um mar de flores brancas ou amarelas, de grande beleza. As fibras, constituídas de celulose quase pura, são representadas por uma lanugem bastante macia que recobre a superfície das sementes encerradas no capulho, também chamada de "maçã". A fase da colheita dura várias semanas, pois nem todos os capulhos se abrem ao mesmo tempo. Ao amadurecer, a "maçã" se abre e a planta veste-se de um branco imaculado que contrasta com o verde carregado das folhas lobadas. Nesse ponto é realizada a colheita, em grande parte manualmente. Colhido, o algodão é prensado e embalado em grandes fardos, destinando-se à indústria de malharia, meias, tecidos, artigos de passamanaria, fitas, estopas, tapetes etc. Além disso, constitui matéria-prima para fabricação de um dos mais empregados explosivos modernos: a nitrocelulose, ou algodão explosivo.

Cabe assinalar, ainda, a importância econômica da industrialização das sementes de algodão, transformadas em óleo comestível ou em tortas e farelos, que servem como adubo e como ração para o gado, e que são produtos de exportação.

Para que o Nordeste possa ter uma participação cada vez maior no mercado nacional e internacional do algodão é preciso apreciar o valor dessa cultura, orientando, sugerindo e apresentando ao agricultor medidas que possibilitem a recuperação, o desenvolvimento e um maior rendimento desta lavoura.